

FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO

JOSÉ ARNÓBIO ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA

Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei um altar também com esta inscrição: 'A um Deus Desconhecido'. O que adorais sem o conhecer, eu vo-Lo anuncio!

(Paulo de Tarso)

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar os aspectos científicos fundamentais da religião. Mostraremos os pontos cruciais que fazem a religião ser vista com desconfiança pela mentalidade científica do Ocidente, bem como alguns equívocos epistemológicos que impedem a percepção da religião ou espiritualidade num sentido pragmático e não sectário.

Talvez seja contraditório falar de uma ciência espiritual, pois a concepção largamente difundida considera que a religião jamais poderá ser apresentada como um campo de conhecimento estruturado. Uma vez que Jesus Cristo, no entanto, afirmou "em verdade, em verdade te digo, dizemos o que sabemos, e damos testemunho do que vimos"¹, devemos iniciar uma investigação para descobrir se ela pode merecer uma abordagem científica. Se Jesus asseverou que falava o que conhecia por experiência, significa que suas asserções, mesmo aquelas de caráter metafísico, descenderam de uma base de saber real, onde deve ele ter "visto" o que ensinava.

O pensamento ocidental não logrou êxito em encontrar a chave para acessar essa base de saber real sobre a qual a religião se sustenta, incapaz, por isso, de superar uma apreciação meramente especulativo-dogmática da espiritualidade. Por outro lado, a visão caricaturada do ocidental sobre a religião do Oriente tem impedido uma aproximação potencialmente fecunda ao método seguro de acesso a esse saber, amplamente dominado por Jesus Cristo. Aproximar o pensamento filosófico do Ocidente ao pensamento místico do Oriente é o caminho para o entendimento da religião enquanto ciência, como demonstraremos a seguir.

¹ Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 3, verso 11.

Mito, Dogma, Senso Comum e Mistério

Quando os gregos começaram a se perguntar pelo fundamento de todas as coisas (*arché*) estavam dando os primeiros passos para o desenvolvimento do conhecimento científico. Buscavam esses primeiros cientistas ou filósofos, pois não havia distinção entre Ciência e Filosofia, um caminho que os levasse com segurança do mito ao pensamento crítico, organizado e apresentado de acordo com critérios racionais, buscando apoio não mais em metáforas extraordinárias, mas por meio da elaboração de argumentos com pretensão a uma coerência própria. Alegoria não possui determinação, é acrítica, não aprecia a linearidade dos fatos, nem sua precisão, e extrapola a dimensão espaço-tempo; “o mito não serve como fundamento para nenhum conhecimento” (ALMEIDA, 2002, p. 28). Na manifestação fantasiosa não há uma correspondência entre a imaginosa narrativa romântica e a realidade objetiva inexoravelmente imposta. Enquanto a narrativa fantástica parece potente para explicar as causas primeiras, é completa sua falência na tentativa de superar os limites anotados pela realidade fática. A razão crítica pretendia superar uma base de conhecimento que não lhe dava suporte para o domínio de forças inadequadamente explicadas pela expressão mítica. O objetivo era “dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO, 1985, p. 19).

Tal meta não constituiu empresa de simples operação. Somente no século XVII, a Ciência logrou separar-se da Filosofia, estabelecendo um método próprio. Essa época assiste ao início da derrocada de uma teologia que dominava completamente o que se conhecia como ciência e a subordinava ao poder vigente, capaz de impor uma cosmovisão baseada numa interpretação dogmática das escrituras. Para a Teologia cristã, que dirigiu os caminhos da Ciência na Idade Média até o século XVII, a fé constituía o substrato subordinador da racionalidade, fora da qual o conhecimento não possuía validade. Não existia tampouco um método para determinação da fé, sendo ela supostamente originada da revelação divina, privilégio de alguns poucos homens, cuja legitimidade era igualmente fundamentada na fé. Tais

homens cheios de fé não recorriam à demonstração objetiva dos fenômenos, nem à validação racional dos argumentos, mas dependiam da autoridade para impor suas verdades, criadas com fins de preservação do poder.

Se as religiões que conhecemos são herdeiras de tradições que remontam ao mito e ao dogma, como poderiam seus ensinamentos possuir pretensão de cientificidade? O *commom sense* religioso, marca, neste nosso tempo, a abordagem do Sagrado. Se um fenômeno é estranho e fora do comum, se carrega aura de mistério e está relacionado a eventos que envolvem conceitos não alcançados pela Ciência, tais fenômenos são, por conseguinte, considerados de ordem espiritual. “Creio porque é absurdo”, famosa expressão de Tertuliano, marca o que se chama comumente espiritualidade. Se é absurdo o que se deve crer, então qualquer absurdo é útil para que se creia cegamente. Servido está o prato da religião do Ocidente, temperado pelo dogma, pelo mito e pelo mistério. Eis, entretanto, o que ensinaram os cientistas do Oriente, tal como Buda assinalou:

Não acrediteis em coisa alguma pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito de algum sábio antigo; Não acrediteis em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes; Aquilo, porém, que se enquadrar na vossa razão, e depois de minucioso estudo foi confirmado pela vossa experiência, conduzindo ao vosso próprio bem e ao de todas as outras coisas vivas; A isso aceitai como verdade; E daí, pautai vossa conduta!. (apud ARORA, 1999, p. 17).

Desde um ponto de vista científico, o aspecto “absurdo” ou misterioso do Sagrado é o convite à pesquisa dele, para que se desvele, tal como o conhecimento científico, de qualquer campo de estudo. O culto ao mistério como um fim desvirtua o fim original da busca, o próprio Sagrado, que se perde na escuridão de uma impenetrabilidade eterna, causa e resultado de mito e dogma que se retroalimentam indefinidamente. O cientista da espiritualidade, porém, afirma que seu objeto de pesquisa é cognoscível. Aos gregos, cultores do mito e do misterioso, Paulo de Tarso acentua convictamente: “Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei um altar também

com esta inscrição: 'A um Deus Desconhecido'. O que adorais sem o conhecer, eu vo-lo anuncio!"².

Equívocos da Mentalidade Científica do Ocidente

A falta de entendimento dos próprios religiosos sobre os fundamentos da espiritualidade conforme ensinados por aqueles que a conheciam a partir de uma base segura, como Jesus Cristo, forjou a atitude cômoda de muitos cientistas e filósofos, que preferiram relegar o conhecimento espiritual como de terceira classe, pois, estando a fé representada fora de alcance dos critérios científicos, não havia possibilidade de uma apreciação crítica por parte da mentalidade inquiridora. Um conto sufista³ ilustra bem esse equívoco da mentalidade científica ocidental perante o conhecimento espiritual:

*Alguém viu Nasrudin procurando alguma coisa no chão.
'O que é que você perdeu, Mullá?', perguntou-lhe.
'Minha chave', respondeu o Mullá.
Então os dois se ajoelharam para procurá-la.
Um pouco depois, o sujeito perguntou:
'Onde foi exatamente que você perdeu essa chave?'
'Na minha casa', respondeu o Mullá.
'Então por que você está procurando por aqui?'
'Porque aqui tem mais luz' (NASR AL-DIN, 1994, p. 57).*

Hipnotizada pela Teologia e pelo dogmatismo, a mentalidade científica ocidental busca compreender a espiritualidade a partir da claridade dos seus paradigmas, levando ao estabelecimento de uma pseudodiferenciação entre ciência e religião, ao não encontrar similaridade entre os princípios da ciência que domina e os fundamentos de um campo de estudo ignorado. Evitando admitir *a priori* qualquer possibilidade de uma abordagem científica da religião, a mentalidade ocidental não foi capaz de cogitá-la como uma ciência com parâmetros próprios⁴. Uma vez que

² Bíblia Sagrada, Livro dos Atos dos Apóstolos, Capítulo 17, verso 23.

³ O sufismo é a corrente mística do islamismo.

⁴ "Hume, por sua crítica lúcida, possibilita um progresso decisivo para a filosofia. Mas causa, sem responsabilidade de sua parte, um real perigo, porque esta crítica suscita um 'medo da Metafísica' errado, por realçar

conclusões sobre ciências humanas não podem ser obtidas num laboratório de Química, por que as conclusões sobre espiritualidade poderiam ser estabelecidas a partir dos parâmetros da Filologia ou da Hermenêutica? Ciências sociais diferem, evidentemente, das Ciências naturais, que, com evidência semelhante, diferem da Ciência da religião, exigindo cada uma delas uma metodologia singular.

Disse Paramahansa Yogananda:

Um físico cético tem o direito de expressar sua opinião, mas continua sendo apenas uma opinião, não um fato. Na ciência física, certos procedimentos devem ser adotados e seguidos, para provar a verdade de qualquer teoria. Os micróbios são invisíveis a olho nu; é preciso usar um microscópio para detectar sua presença. Se uma pessoa se recusa a olhar pelo microscópio, não se pode dizer que tenha testado cientificamente a teoria de que os germes estão ali. Sua opinião, portanto, não tem valor, visto que não observou os critérios prescritos para chegar à verdade da teoria. O mesmo se dá com assuntos espirituais. O método foi descoberto, as regras estabelecidas e o resultado está à disposição de qualquer um que esteja bastante interessado para experimentar. No mundo ocidental, por falta de um tratamento científico à lei espiritual, o valor da religião foi profundamente subestimado como fator vital na vida do homem, e as doutrinas espirituais são aceitas ou rejeitadas, com base apenas em inclinações pessoais e não como decorrência da investigação científica. (2001, p. 210).

Equívocos pueris na abordagem das coisas espirituais são causas freqüentes de conclusões ambíguas. É comum o julgamento da falta de cientificidade da religião, ao se observar os procedimentos de seguidores fanáticos, ignorantes dos fundamentos espirituais, e não a fonte onde ela foi elaborada, isto é, nos ensinamentos daqueles espiritualistas profundos, conhecidos como avatares, tais como Jesus Cristo, Sidarta Gautama, Bhagavam Krishna, Paramahansa Yogananda e alguns outros poucos cientistas espirituais que

um vício da filosofia empírica contemporânea. Este vício corresponde ao outro extremo da filosofia nebulosa da antiguidade, quando ela pretendia poder dispensar os dados sensíveis, ou até mesmo desprezá-los" (EINSTEIN, 1981, p. 49).

mergulharam a consciência com tal profundidade nesse campo de conhecimento, que podiam seguramente afirmar: “dizemos o que sabemos”⁵. Buscar as evidências da espiritualidade observando-se o proceder do religioso ordinário seria como pesquisar os fundamentos da Matemática na criança que acabou de escrever $2 + 2 = 5$, não em Pitágoras, Newton e Gauss.

Como Foi Estabelecida a Ciência da Religião

Foram os cientistas espirituais da Índia antiga – *rishis* – os fundadores do que chamamos aqui de ciência da religião. Como puderam os *rishis* alcançar conclusões sólidas a respeito do Espírito, Deus, se os elementos da Metafísica, ou conhecimento espiritual, estão abstraídos do campo da experiência sensível?

Como passo inicial, fecharam os olhos para interromper o contato imediato com o mundo e a matéria, de modo a poderem concentrar-se mais plenamente em descobrir a Inteligência subjacente a ela. Pelo uso da razão, compreenderam que não poderiam contemplar a presença de Deus no seio da natureza por meio das percepções ordinárias dos cinco sentidos. Assim, começaram a tentar senti-Lo dentro de si mesmos, por meio da concentração cada vez mais profunda. Acabaram descobrindo como desligar os cinco sentidos, desse modo afastando por completo, temporariamente, a consciência da matéria. O mundo interior do Espírito começou a abrir-se. Deus finalmente revelou-Se a esses seres magníficos da Índia antiga que persistiram firmemente nessas investigações internas. (YOGANANDA, 2001, p. 6).

Esse processo, iniciado pela meditação, e aprofundado por meio de outras técnicas, como *kriya yoga*, abre os portais de mistérios que se esvaecem por meio do acesso consciente a verdades inatingíveis pela experiência sensível. Durante a prática meditativa, o fluxo da energia vital, normalmente dirigida para o exterior através dos sentidos, é redirecionada para o interior, acalmando o funcionamento

⁵ Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 3, verso 11.

dos órgãos vitais e do sistema nervoso. Não afetada pelos distúrbios do corpo, nem pela agitação dos pensamentos, a consciência, nesse estado profundo, é capaz de reconhecer-se como Ser, *Self*, naturalmente conectado à consciência do Ser Universal, Deus.

Nesse estado, diz-se que a consciência alcançou auto-realização, que quer dizer “realização do Ser”. No português, o prefixo “auto” cria um sentido equivocado para o termo, dando a impressão de que significa realização por si mesmo. O termo inglês “Self-realization” expressa melhor a idéia de “realização do Ser”, pois se pode dizer em inglês “the Self”, “o Ser”, mas nunca se diz em português “o auto”, o que nos obriga a apelar para “o Self” ou o “Eu Superior”. “Auto-Realização”, portanto, significa “realização em Deus”, isto é, Deus tornado real, pois o Ser de um ente percebeu sua plena identificação com o Ser do Universo, tornando viva a palavra “Deus criou o homem à sua imagem”⁶. Nas escrituras cristãs, o “Self” ou Ser é chamado de “Alma”. Quando, em meditação, o praticante alcança esse estado profundo, diz-se que atingiu o *samadhi*. Aí, a pequena consciência comunga com a grande Consciência do universo e com ela se identifica, sendo capaz de desvendar mistérios insondáveis aos órgãos dos sentidos, mesmo quando munidos das melhores ferramentas.

Os grandes videntes, uma vez que experimentaram a realização das verdades não alcançadas pelas ciências ordinárias, puderam estabelecer os fundamentos da ciência superior do conhecimento de Deus, chamada de *yoga*, e elaborar uma pedagogia para qualquer aspirante ao conhecimento dessa ciência, baseando sua metodologia não em dogmas, mitos ou controvérsias intelectuais, mas na experiência pessoal, podendo desse modo afirmar: “damos testemunho do que vimos”⁷. Todos aqueles que são capazes de alcançar esse mesmo estado de consciência presenciam a Verdade Única que cria e sustenta a Ordem Universal, o que inclui, por conseguinte, o conhecimento sobre a natureza da mente e da matéria. Essa ciência, mesmo quando

⁶ Bíblia Sagrada, Livro do Gênesis, Capítulo 1, verso 27.

⁷ Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 3, verso 11.

expressa em diferentes roupagens externas, aparece na mensagem de outros pesquisadores nascidos fora da Índia, em outras eras, como os profetas e santos da Bíblia, o que implica perfeita semelhança entre seus ensinamentos: “ponto por ponto eu comparei a mensagem e os fundamentos da Bíblia e das Escrituras Hindus, e encontrei apenas harmonia entre eles” (YOGANANDA, 2004, p. XXV).

Em um festival religioso, *Kumbha Mela*, ocorrido na Índia em janeiro de 1894, na cidade de Allahabad, o mestre indiano Swami Sri Yukteswar, expressando angústia perante a religiosidade descoordenada das multidões, atraídas pelo alarido dos rituais e festas populares, considerou que o espírito científico dos ocidentais indicava uma potencial receptividade a novos paradigmas espirituais.

Há homens vivendo em regiões distantes, na Europa e América, que superam em inteligência a maioria dos devotos aqui presentes, professando diferentes credos e ignorando o real significado de *melas* como esta. Eles estão aptos para o contato profícuo com os mestres da Índia, pelo menos no que concerne à inteligência. Entretanto, estão esses intelectuais, em muitos casos, engajados ao materialismo. Alguns deles, embora famosos por suas investigações nos reinos da Ciência e da Filosofia, não reconhecem a unidade essencial na religião. Os credos que professam constituem barreiras que ameaçam separar a humanidade para sempre. (YUKTESWAR, 1990, p. 5).

Depois desse evento, Sri Yukteswar escreveu o livro *The Holy Science*, onde apresentou a ciência da religião como ensinada pelos *rishis*, a partir da exposição comparativa entre os fundamentos da filosofia *Sankya* e o livro do Apocalipse. O objetivo era mostrar a unidade essencial de todas as grandes religiões, a harmonia subjacente a todas elas, e que há apenas um método para investigação do mundo exterior e da substância transcendental que o manifesta.

Foi o seu principal discípulo, Paramahansa Yogananda, incumbido de trazer a ciência da religião para o Ocidente e ensinar as técnicas práticas de realização das mensagens dos avatares de todos os tempos aos cientistas ocidentais, já afeitos à abordagem estruturada e metódica

do conhecimento. “As experiências de que falo são cientificamente atingíveis. Se seguir as leis espirituais, o resultado é garantido. Se o resultado não vier, a falha está no esforço” (YOGANANDA, 2001, p. 51). Mediante um programa pedagógico completo e detalhado, Paramahansa Yogananda disponibilizou ao Ocidente as mesmas técnicas para o despertar da consciência superior, como ensinadas pelos mais eminentes sábios da Índia em seus eremitérios, estando disponível a qualquer pessoa interessada no aprofundamento da ciência da religião, quando poderá verificar por si mesma os fundamentos daquele saber real dos avatares.

À medida que a mentalidade humana mais e mais compreende a atitude científica, sobretudo pela experiência dos seus benefícios na vida cotidiana, mais exigente ela se torna em relação ao que a religião deve lhe oferecer. É bastante conhecido o fenômeno de afastamento da religião das pessoas de forte mentalidade científica, como os povos europeus, ou em determinados grupamentos de muitos outros lugares. Paramahansa Yogananda anteviu esse fenômeno, quando disse:

a tendência geral será afastar-se das igrejas, onde as pessoas vão só para ouvir sermões, e trocá-las por escolas e lugares tranquilos, onde irão meditar e realmente encontrar Deus. (YOGANANDA, 2001, p. 387).

A meditação é um desses modos de experiência pessoal, quando o praticante, livre de qualquer mediação intelectual, própria ou de terceiros, pode comprovar empiricamente a própria transcendentalidade essencial e, falseando conceitos teórico-metafísicos, então considerados revelação pura de Deus ou extraordinárias deduções intelectivas, compreender que tal conhecimento, como disse Hume, não passava de “sofistaria e ilusão que deve ser lançada ao fogo” (apud POPPER, 2003, p. 36). Depois de uma experiência mística, Tomás de Aquino, respondendo aos apelos de seu secretário para a urgência de concluir sua famosa obra, a *Summa Theologiae*, respondeu: “coisas tais me foram reveladas que agora tudo quanto escrevi surge aos meus olhos como não valendo mais do que palha” (apud YOGANANDA, 1999, p. 207).

Conclusão

Busque Deus por amor a Ele próprio. A percepção suprema é senti-Lo como Bem-Aventura brotando de suas infinitas profundezas. Não anseie por visões, fenômenos espirituais, nem por experiências emocionantes. O caminho para o Divino não é um circo! (PARAMAHANSA YOGANANDA).

Um dos erros mais funestos da consciência religiosa tradicional é tratar seus profetas e avatares como seres que exigem permanente adoração e louvor, enquanto, comodamente, espera que forças extraordinárias do além possam lhe salvar de todo tipo de aflição e dificuldades, geralmente criadas por si mesma. Grande parcela da humanidade atual relaciona-se com as coisas espirituais com a mesma atitude dos supersticiosos povos antigos e medievais, guiada pelo interesse da magia, fenômenos paranormais, transformação miraculosa das condições existenciais, “preocupação em relação aos acontecimentos da vida, e da incessante esperança e medo que influenciam o espírito humano” (HUME, 2005, p. 31).

Nas últimas duas décadas, o yoga tem-se expandido muito no mundo inteiro. Entretanto, o significado real do yoga ainda não foi compreendido por muita gente. Para as pessoas mal ou pouco informadas, o yoga é visto como politeísmo, satanismo, misticismo, magia, superstição, acrobacia, faquirismo etc. Por outro lado, para os muito entusiastas, yoga é uma panacéia e uma solução para todos os tipos de problemas de toda e qualquer natureza. Essas duas interpretações estão muito distantes do verdadeiro significado do yoga. (ARORA, 1999, p. 55).

A ioga atende todos os critérios de uma ciência e subjaz à mensagem dos avatares da humanidade, nascida do domínio consciente de um saber real, acessível e verificável por qualquer pessoa. O significado de religião e de ioga é o mesmo, carregando ambos os termos um sentido de religião, união, ao mesmo objetivo superior: a Bem-Aventura Suprema. O fato de a ioga aparecer neste trabalho como a denominação para a ciência da religião não significa desprezo à espiritualidade ocidental, pois a mensagem dos profetas da

Índia possui, rigidamente, a mesma correspondência com a mensagem dos profetas da Bíblia.

Carl Sagan lamentou o alcance hipnotizador das superstições e das pseudociências, que transforma as pessoas em vítimas inocentes da credulidade. Ao afirmar, porém, que “as mentes dos cientistas estão abertas ao explorar mundos novos” (SAGAN, 1996, p. 71), mostrou a atitude científica verdadeiramente coerente que, se praticada, deveria implicar abertura ao conhecimento do Sagrado e uma pesquisa consistente na direção daquela mesma base de saber dos avatares, fontes lídimas da verdadeira religião.

Sempre que mencionamos a ciência da religião, não estamos nos referindo à religião “cientificizada”, mas à religião compreendida com atitude científica. Os fundamentos da ciência da religião tratados neste artigo possuem métodos próprios, sem relação com os métodos das ciências naturais. A ciência da religião não está baseada em conspirações interplanetárias⁸, tampouco nos princípios da Física Quântica ou da Teoria da Complexidade. A contribuição do *Tao da Física*, de Fritjof Capra, consistiu numa apresentação coerente e profunda das possibilidades de um campo de experiência, já dominado pela Filosofia oriental, para uma ciência que se viu diante das fronteiras da matéria. Eliminando a desconfiança natural do pensamento racional em relação à espiritualidade, o trabalho de Capra encoraja a mentalidade científica ocidental ao mergulho gradual na ciência da religião. A iniciação à mística, orientada pela antiqüíssima ioga, proporciona ao cientista moderno o vislumbre de respostas que o método das ciências modernas, inclusive a Física Quântica, não pode dar. “A filosofia das tradições místicas, também conhecida como ‘filosofia perene’, proporciona a mais consistente base filosófica às nossas modernas teorias científicas” (CAPRA, 2000, p. 18). Essa é a aplicação que a ciência da religião pode oferecer aos pesquisadores das ciências da natureza.

⁸ “Os *rishis*, cujas mentes eram receptáculos puros para receber as divinas profundezas dos Vedas, foram membros da raça humana, nascidos neste planeta e não em outro” (YOGANANDA, 1999, p. 534).

Ela não possui, contudo, objetivos utilitaristas, como a descoberta dos segredos do átomo, saúde física, magias ou cura de doenças. Essas benesses são flores à margem do caminho da pesquisa pela Realidade Última, origem, sustentáculo e fim de todas as coisas criadas, objetivo declarado conhecido pelos avatares e, através deles, declarado conhecível aos seres humanos. No cotidiano, a ciência da religião fala ao coração mediante os acontecimentos mais simples. Habitado a comungar com Deus, por meio da experiência pessoal incomparável da meditação, o pesquisador espiritual aprende a vê-Lo em toda parte; em todos os templos e igrejas; e em todas as pessoas. A Essência do universo manifesta-Se a ele de forma evidente, mesmo que os outros vejam apenas os fatos e objetos corriqueiros de sempre. O afã da vida agitada é resignificado pela memória sempre viva do contato real com o Infinito, quando novo contentamento, outra alegria e profunda paz tornam-se os dirigentes de novas perspectivas, renovada maneira positiva de ver e julgar o mundo e as pessoas – o Paraíso em plena vida.

O romance mais sublime é com o Infinito. Você não faz idéia de como a vida pode ser bela [...] Quando, de repente, você descobre Deus em toda parte, quando Ele vem, fala com você e o guia, o romance do amor divino começa. (YOGANANDA, 2001, p. 455).

“A ioga é exata e científica. Ioga significa união da alma com Deus, por meio de métodos gradativos, com resultados específicos e conhecidos. Ela eleva a prática da religião acima das diferenças dogmáticas” (YOGANANDA, 2001, p. 49). Mostrar o mapa, porém, não é o mesmo que mostrar o território. Em um nível, a ciência da religião se refere a um conjunto de saberes organizados e estruturados numa metodologia que conduz o praticante, de forma segura, até a porta de acesso ao Sagrado. O resto é por conta de experiências individuais, pois a experiência mística é única para cada praticante. Em outro patamar ainda mais profundo, mesmo a experiência mística em si pode ser acompanhada por um guru⁹ fidedigno.

⁹ Guru é o mestre espiritual que orienta o discípulo ao conhecimento da Verdade, dando a ele a *sadhana*, disciplina ou pedagogia espiritual.

A busca por essa base de conhecimento superior não está restrita a certa classe de pessoas, nem é necessário abandonar a vida normal, negar o mundo ou praticar penitências extenuantes para torná-la real. O objetivo da ciência da religião “pode ser alcançado pelo monástico de um eremitério ou pelo chefe de família vivendo no mundo” (YOGANANDA, 2000, p. 233) e, perseguindo a idéia de Carl Sagan, não é apenas para crentes, mas também para ateus transformados em cientistas, saudavelmente duvidando, mas sem negar o Sagrado de forma *a priori*. Ela é simples e natural, adaptando-se facilmente à mentalidade racional-analítica ou à devocional-contemplativa, incompatível, tão-somente, com o caráter acomodaticio.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA, Edição *Claretiana*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1979.
- ALMEIDA, Custódio Luis S. de. *Hermenêutica e dialética: dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ADORNO, Theodor e Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- ARORA, Harbans Lal. *A ciência moderna à luz do yoga milenar*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.
- CAPRA, Fritjof. *O tao da física*. 20. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
- HUME, David. *História natural da religião*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- NASR AL-DIN, Khawajah. *Histórias de Nasrudin*. São Paulo: Edições Dervish, 1994.
- POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

YOGANANDA, Paramahansa. *A eterna busca do homem*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2001.

_____. *Autobiografia de um logue*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1999.

_____. *Onde existe luz*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1997.

_____. *The divine romance*, second edition. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2000.

_____. *The second coming of Christ – The resurrection of the Christ within you – a revelatory commentary on the original teachings of Jesus*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2004.

YUKTESWAR, Swami Sri. *The Holy Science*, 8th ed. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1990.